

O LÍDER COMUNITÁRIO NA PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA SOCIAL E COMUNITÁRIA

Otávio Otal^{1*}, Paula Márcia Seabra de Sousa² & Érica Henrique Ribeiro-Andrade²

RESUMO

OTAL, O.; SOUSA, P. M. S. de; RIBEIRO-ANDRADE, E. H. O líder comunitário na perspectiva da psicologia social e comunitária. **Perspectivas Online: Humanas & Sociais Aplicadas**, v. 16, n. 46, p. 43-61, 2026.

O objetivo geral dessa pesquisa era refletir sobre o impacto da psicologia social no fortalecimento de um líder comunitário. Como objetivos específicos esse estudo intencionava levantar informações sobre a realidade da liderança comunitária em uma das comunidades de alta vulnerabilidade da cidade de Campos dos Goytacazes. Intencionava também aproximar-se da liderança local para compreender aspectos ligados a rotina de sua atuação na comunidade e por fim visava avaliar de que maneiras o apoio de um profissional da psicologia social e comunitária, poderia aperfeiçoar a capacidade de atuação deste líder comunitário. Tratou-se de uma pesquisa qualitativa de caráter descritivo. O levantamento de dados envolveu técnicas da pesquisa bibliográfica e da pesquisa de campo, realizando assim uma entrevista semidirigida e utilizando o método de observação participante. A entrevista foi

realizada na residência do líder comunitário. A partir do vivenciado na pesquisa de campo, compreende-se que um dos favorecimentos da psicologia social e comunitária se presente nessa comunidade, seria um trabalho de conscientização e sensibilização tanto do líder comunitário quanto da comunidade, além de, trabalhar na capacitação desse líder. Outro favorecimento do trabalho do psicólogo seria a sua ação de mobilização da comunidade, estimulando a manifestação dos desejos dos moradores da comunidade, bem como de ações realizadas pelos próprios moradores na busca de um propósito comum. O psicólogo social e comunitário poderia contribuir, ao estimular ações coletivas, na perspectiva de que coletivamente é possível se construir novos espaços de contato, como conselhos de cidadãos, associações de moradores e grupos de ajuda mútua.

Palavras-chave: Psicologia social e comunitária; liderança comunitária; comunidade de alta vulnerabilidade.

¹ Acadêmico de Psicologia do ISECENSA, Institutos Superiores de Ensino do CENSA - ISECENSA;

² Pesquisadora e docente do curso de Psicologia do ISECENSA, Institutos Superiores de Ensino do CENSA – ISECENSA, Rua Salvador Correa, 139, Centro, Campos dos Goytacazes, RJ, Brasil.

(*) e-mail: otaviootal@isecensa.edu.br

Data de recebimento: 05/11/2024

Aceito para publicação: 04/06/2025

Data de publicação: 30/07/2026

THE COMMUNITY LEADER FROM THE PERSPECTIVE OF SOCIAL AND COMMUNITY PSYCHOLOGY

Otávio Otal^{1}, Paula Márcia Seabra de Sousa² & Érica Henrique Ribeiro-Andrade²*

ABSTRACT

OTAL, O.; SOUSA, P. M. S. de; RIBEIRO-ANDRADE, E. H. The community leader from the perspective of social and community psychology **Online Perspectives: Human & Social Applied**, v. 16, n. 46, p. 43-61, 2026.

The general goal of this research, was to reflect upon the social psychology impact on strengthening a community leader. As of specific goals, this study intended to gather information about the reality of community leadership in one of the highly vulnerable communities in the city of Campos dos Goytacazes. It also intended to get closer to this local leadership do comprehend features of their actuation's routine in the community, and lastly aims to evaluate in what ways the backup of a social psychology professional could enhance the community's leader effectiveness. This was a qualitative descriptive research. The gathering of data revolves around bibliographic research and field research, making semi-structured interviews and utilizing the participative observation method. The interview was realized on the community leader's house. Based on what

was experienced in the field research, it is understood that one of the benefits of social and community psychology, if present in this community, would be the work of raising awareness and sensitization of both the community leader and the community, in addition to working on training this leader. Another advantage of the psychologist's work would be his action to mobilize the community, encouraging the expression of the desires of the community's residents, as well as actions carried out by the residents themselves in search of a common purpose. The social and community psychologist could contribute, by stimulating collective actions, from the perspective that collectively it is possible to build new spaces for contact, such as citizens' councils, residents' associations and mutual help groups.

Keywords: Psychology social community; social community leadership; high vulnerability social community.

¹ Psychology Undergraduate Student at ISECENSA, CENSA Institutes of Higher Education (ISECENSA);

² Researcher and Faculty Member, Psychology Program, CENSA Institutes of Higher Education (ISECENSA), 139 Salvador Corrêa Street, Centro, Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro, Brazil.

(*) e-mail: otaviootal@isecensa.edu.br

Received: 05/11/2024

Accepted: 04/06/2025

Published: 30/07/2026

1. INTRODUÇÃO

A Psicologia Social e Comunitária desempenha um papel relevante no desenvolvimento e fortalecimento de lideranças comunitárias, ao oferecer subsídios teóricos e metodológicos para a compreensão das dinâmicas sociais presentes nos diferentes territórios. Por meio da análise dos processos psicológicos que ocorrem em contextos coletivos, essa área da Psicologia contribui para que lideranças identifiquem necessidades, mobilizem recursos e promovam processos de participação e coesão social, favorecendo o fortalecimento das comunidades e a promoção do bem-estar coletivo (Lansing et al., 2023).

No Brasil, a partir da década de 1960, iniciou-se um movimento de aproximação da Psicologia com as comunidades populares, dando origem a diferentes práticas comunitárias em diversas regiões do país. Enquanto algumas dessas iniciativas buscavam atender às demandas da sociedade capitalista, outras assumiam um compromisso crítico com as questões sociais vivenciadas pela população, constituindo as bases da Psicologia Social e Comunitária (Silva et al., 2015).

Nesse contexto, a Psicologia na Comunidade não surgiu como uma nova escola psicológica, mas como uma nova forma de compreender e exercer a prática profissional. Diferentemente da tradição predominante até o final da década de 1950, centrada em discussões essencialmente acadêmicas e no atendimento de grupos socialmente privilegiados, essa perspectiva passou a direcionar seu olhar para os problemas coletivos e para a realidade social das populações historicamente marginalizadas (Carvalho et al., 2015).

A escolha da Psicologia Social e Comunitária como referencial teórico deste estudo fundamenta-se, especialmente, nas contribuições de Ignacio Martín-Baró. Seus estudos sobre a realidade latino-americana oferecem importantes subsídios para compreender comunidades marcadas por processos históricos de exclusão e vulnerabilidade social. A partir da Psicologia da Libertação, o autor propõe uma prática comprometida com a transformação social, valorizando o protagonismo dos sujeitos e o enfrentamento das desigualdades presentes nesses contextos.

A relevância deste estudo também se justifica pelo fato de ter sido desenvolvido em uma comunidade que, até o momento, não havia sido contemplada por pesquisas científicas, ampliando a produção de conhecimento sobre territórios ainda pouco explorados pela literatura acadêmica. Para compreender essa realidade, o estudo utilizou a observação participante e a entrevista semidirigida como estratégias metodológicas, buscando identificar a atuação de uma liderança comunitária em um contexto de alta vulnerabilidade social no município de Campos dos Goytacazes (RJ). Além disso, procurou compreender de que maneira o apoio da Psicologia Social e Comunitária pode contribuir para o fortalecimento da atuação dessa liderança.

A atuação da Psicologia nesse campo ainda representa uma parcela reduzida da profissão. Segundo dados do Conselho Federal de Psicologia (2022), existem 531.299 psicólogos registrados no Brasil, dos quais 57.313 atuam no estado do Rio de Janeiro. Conforme o Censo da Psicologia Brasileira, apenas 16,1% dos profissionais do estado desenvolvem atividades na área social e, em âmbito nacional, esse percentual corresponde a 20,2%, totalizando aproximadamente 9.170 psicólogos sociais no estado do Rio de Janeiro.

A Psicologia Social e Comunitária dedica-se ao estudo das relações entre indivíduos, grupos e comunidades, buscando compreender como fatores sociais, culturais, econômicos e políticos influenciam o comportamento humano, as relações interpessoais e os processos coletivos. Nesse contexto, o psicólogo atua na promoção de mudanças sociais, valorizando o protagonismo dos sujeitos e estimulando processos de emancipação e participação comunitária (Ferreira, 2014).

Em comunidades caracterizadas por alta vulnerabilidade social, o trabalho do psicólogo social e comunitário assume papel estratégico ao contribuir para a promoção do bem-estar psicossocial, o fortalecimento dos vínculos comunitários e o desenvolvimento de ações voltadas à melhoria das condições de vida da população.

Da mesma forma, a liderança comunitária exerce papel fundamental na mobilização social, na articulação entre os moradores e na busca por melhores condições de vida para a comunidade. Entretanto, essa liderança não deve restringir-se à condução das ações coletivas, mas estimular processos participativos baseados no diálogo, na cooperação e na corresponsabilidade. Nessa perspectiva, destaca-se a figura do líder transformador, cuja atuação

rompe com modelos paternalistas e personalistas de liderança e favorece práticas mais democráticas e inclusivas. É nesse cenário que se insere a atuação do psicólogo social e comunitário, oferecendo suporte para o desenvolvimento de lideranças comprometidas com a transformação social (Silva et al., 2015).

O trabalho do psicólogo social e comunitário desenvolve-se tanto no campo da pesquisa quanto das intervenções, buscando compreender a organização social das comunidades e as relações estabelecidas entre fatores econômicos, culturais, políticos, ideológicos e psicológicos. Essa compreensão permite construir estratégias de atuação fundamentadas na realidade concreta da comunidade e nas necessidades identificadas pelos próprios sujeitos (Ferreira, 2014).

Desse modo, a atuação conjunta entre psicólogo e liderança comunitária pode potencializar as ações desenvolvidas no território, articulando o conhecimento técnico-científico da Psicologia com a experiência prática e o conhecimento produzido pela própria comunidade. Essa interação amplia as possibilidades de construção de estratégias coletivas voltadas ao enfrentamento das demandas locais e ao fortalecimento da participação social.

Diante desse contexto, o presente estudo tem como objetivo compreender de que maneira a atuação da Psicologia Social e Comunitária pode contribuir para o desenvolvimento e o aperfeiçoamento da atuação de uma liderança comunitária em um contexto de alta vulnerabilidade social. Para isso, estabelece um diálogo entre a experiência prática do líder comunitário entrevistado e a literatura especializada, buscando compreender as contribuições da Psicologia Social e Comunitária para o fortalecimento das lideranças e para a promoção do desenvolvimento comunitário.

2. METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter descritivo, desenvolvida por meio de pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo. O estudo foi realizado em uma comunidade de alta vulnerabilidade social localizada no município de Campos dos Goytacazes, RJ, escolhida por representar um território ainda não contemplado por pesquisas científicas, ampliando as possibilidades de produção de conhecimento sobre contextos pouco explorados pela literatura.

A pesquisa fundamentou-se nos pressupostos da Psicologia Social e Comunitária, tendo como principal referencial teórico as contribuições de Ignacio Martín-Baró. A escolha desse referencial deve-se à sua abordagem voltada à compreensão das realidades latino-americanas marcadas por processos de vulnerabilidade e exclusão social, valorizando o protagonismo comunitário, a conscientização e o compromisso da Psicologia com a transformação da realidade social.

Participou do estudo um líder comunitário atuante na comunidade investigada, identificado neste trabalho pelo pseudônimo "**Sérgio**", com o objetivo de preservar sua identidade e garantir o sigilo das informações, conforme os princípios éticos da pesquisa com seres humanos.

A coleta de dados foi realizada por meio de observação participante e entrevista semiestruturada. A observação participante possibilitou ao pesquisador acompanhar a dinâmica comunitária e aproximar-se da realidade vivenciada pelo líder, enquanto a entrevista teve como objetivo compreender sua relação com a comunidade, os desafios inerentes ao exercício da liderança, as principais demandas dos moradores e as possíveis contribuições da Psicologia Social e Comunitária para o fortalecimento de sua atuação.

A entrevista foi realizada na residência do participante, localizada na própria comunidade estudada, em ambiente reservado, conforme sua sugestão. Antes do início da entrevista, o participante apresentou um breve histórico da comunidade, relatando sua formação a partir da implantação de um conjunto habitacional construído em uma área anteriormente destinada à criação de gado. Esse momento contribuiu para contextualizar o cenário investigado e ampliar a compreensão acerca da dinâmica social do território.

A interação entre pesquisador e participante ocorreu de forma contínua, por meio de observações, conversas informais e entrevista semiestruturada, respeitando a experiência do líder comunitário e a espontaneidade da relação estabelecida durante o trabalho de campo. A entrevista foi conduzida de forma flexível, permitindo que entrevistador e participante abordassem questões emergentes ao longo da interação, além das perguntas previamente estabelecidas no roteiro de entrevista (Quadro 1). Essa estratégia favoreceu o aprofundamento de aspectos considerados relevantes pelo participante e possibilitou uma compreensão mais ampla do contexto investigado.

Quadro 1: Roteiro da Entrevista

1- Quais as necessidades da comunidade e para que ela mais te requisita?
2- Como é para você ser presidente da associação de moradores?
3- Como é seu dia a dia enquanto presidente? (Rotina)
4- Para você, quais são as dificuldades e vantagens sendo um líder comunitário?
5- Quais são as mudanças (positivas ou negativas) que aconteceram, desde que você virou presidente, para a comunidade?
6- Que capacidades você tem que acredita que são importantes para a sua liderança?
7- Que habilidades você percebe que precisariam ser melhoradas para aprimorar a sua liderança?
8- Em seu trabalho na associação de moradores, você sofre ou já sofreu alguma pressão externa ou algum assédio político?
9- Como você entende que a Psicologia poderia te ajudar como líder?

Fonte: Elaborado Pelo Autor (2024).

Durante a entrevista, observou-se que o participante demonstrou segurança ao abordar os temas propostos, relatando espontaneamente diferentes experiências relacionadas à sua atuação como líder comunitário. Em alguns momentos, entretanto, determinadas questões foram respondidas de forma breve ou redirecionadas para outros assuntos, aspecto considerado durante a interpretação dos dados.

Os procedimentos metodológicos foram delineados com o propósito de compreender de que maneira a Psicologia Social e Comunitária pode contribuir para o desenvolvimento e o aperfeiçoamento da atuação de lideranças comunitárias em contextos de alta vulnerabilidade social, estabelecendo um diálogo entre a experiência prática do participante e o referencial teórico adotado.

Em atendimento aos preceitos éticos para pesquisas envolvendo seres humanos, o participante assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), sendo informado sobre os objetivos da pesquisa, o caráter voluntário de sua participação e o direito de desistir do estudo a qualquer momento, sem qualquer prejuízo. O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, por meio da Plataforma Brasil, sob o Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) nº 78324824.0.0000.5524.

3. RESULTADOS

A entrevista teve início com questões relacionadas às necessidades da comunidade,

segundo a percepção do líder comunitário. Inicialmente, Sérgio afirmou que a comunidade não apresentava necessidades relevantes, justificando que os principais serviços públicos já haviam sido disponibilizados pelo poder público.

"Aqui tem escola municipal, aqui tem o colégio agrícola, tem um posto médico aqui e UBS, o que a prefeitura tinha de dar para as pessoas viverem aqui a prefeitura já deu."

Para justificar essa percepção, o entrevistado comparou sua comunidade a outros bairros e comunidades vizinhas, afirmando que estas apresentavam condições mais precárias, especialmente em relação aos serviços de saúde. Entretanto, ao longo da entrevista, reconheceu que os moradores frequentemente o procuram em razão de problemas relacionados ao saneamento básico, ao tratamento de esgoto e ao acúmulo de lixo, situações que comprometem a qualidade de vida da comunidade.

Segundo seu relato, o esgoto é lançado diretamente no rio e, periodicamente, ocorre o transbordamento dos bueiros em razão da ausência de um sistema adequado de tratamento. Apesar disso, o líder atribuiu a origem desses problemas ao comportamento dos próprios moradores, afirmando que o descarte inadequado do lixo seria a principal causa dos entupimentos e do transbordamento do esgoto.

Observa-se, nesse momento, uma contradição entre a afirmação inicial de que a comunidade não apresentava necessidades e o reconhecimento posterior da existência de problemas estruturais significativos. Da mesma forma, nota-se uma tendência à atribuição da responsabilidade pelos problemas aos próprios moradores, em detrimento de fatores estruturais e da atuação do poder público.

Ao comentar as condições da comunidade, Sérgio relatou ainda que, em administrações municipais anteriores, os problemas relacionados ao saneamento eram menos frequentes, pois caminhões realizavam periodicamente a limpeza dos bueiros e o encaminhamento adequado dos resíduos. Ainda assim, manteve o entendimento de que a principal responsabilidade pelos problemas atuais seria dos moradores.

Quando questionado sobre sua atuação como presidente da associação de moradores, o entrevistado relatou que assumiu a liderança durante o processo de formação da comunidade, quando as famílias ainda ocupavam as casas populares recém-construídas. Segundo ele, sua rotina consiste, principalmente, em atender às demandas dos moradores, encaminhar

solicitações à prefeitura, organizar a distribuição de benefícios eventuais, como cestas básicas, e acompanhar necessidades relacionadas à infraestrutura local. Ao abordar as características necessárias para exercer a liderança comunitária, Sérgio destacou a importância da solidariedade, da empatia e do compromisso com o bem coletivo.

"Nem tudo na vida é sair na vantagem."

Na sequência, explicou que sua forma de atuação baseia-se principalmente na cobrança direta junto aos órgãos públicos.

"Sabendo que tem uma pessoa que cobra as coisas andam."

Ao ser questionado sobre formas coletivas de reivindicação, afirmou que manifestações públicas não representam um caminho adequado para solucionar os problemas da comunidade.

"Você não vê o pessoal daqui indo pra rua fazer protesto, eu que vou até a secretaria da prefeitura e peço, fechar a estrada é contra lei."

Os relatos sugerem que a condução das demandas comunitárias ocorre predominantemente de forma centralizada na figura do líder, concentrando nele as atividades de interlocução com o poder público e de encaminhamento das principais reivindicações da comunidade.

Questionado sobre situações em que a prefeitura não atendeu às demandas apresentadas pela associação de moradores, Sérgio mencionou a ausência de ambulância no posto de saúde local. Apesar de reconhecer essa limitação, considerou que a proximidade do hospital reduziria a necessidade desse serviço.

"Se alguém da comunidade estiver passando mal, é só pegar o carro e ir para o hospital, ou se a pessoa não tiver carro pedir para um vizinho levar ela até o hospital."

Em outro momento da entrevista, ao comentar as mudanças ocorridas durante sua gestão, relatou a implantação de uma escola noturna destinada à alfabetização de adultos da comunidade. Entretanto, afirmou que a iniciativa teve baixa adesão por parte dos moradores. Ao justificar o insucesso da iniciativa, o entrevistado atribuiu a baixa participação à postura dos próprios moradores, não mencionando fatores externos que pudessem interferir na adesão ao projeto.

"O pobre é acomodado."

Quando questionado sobre as habilidades necessárias ao exercício da liderança, retomou aspectos já mencionados anteriormente, destacando novamente o senso de comunidade, a preocupação com o outro e a importância da cobrança permanente junto ao poder público. Indagado sobre possíveis pressões ou assédio político durante sua atuação, respondeu que nunca havia vivenciado esse tipo de situação.

Por fim, ao ser perguntado sobre as possíveis contribuições da Psicologia para sua atuação como líder comunitário, Sérgio associou o trabalho do psicólogo exclusivamente ao atendimento clínico, demonstrando interesse na oferta de acompanhamento psicológico aos moradores na sede da associação. Em seu relato, não foram identificadas referências à atuação da Psicologia Social e Comunitária, sugerindo um conhecimento restrito acerca desse campo de atuação profissional.

4. DISCUSSÃO

Algumas perspectivas puderam ser formuladas diante da análise dos dados colhidos nessa entrevista. A primeira perspectiva diz respeito a uma contradição do líder em relação a sua fala e a realidade pertencente a comunidade. O líder afirma que tudo que a prefeitura poderia e deveria fornecer à comunidade já havia fornecido, mas logo na sequência afirma que a comunidade sofre com questões de saneamento básico, assunto que claramente é de responsabilidade também da prefeitura.

A segunda perspectiva está relacionada à culpabilização dos moradores da comunidade pelos problemas que os cercam. Em determinado momento, o líder comunitário destaca a postura de solidariedade e empatia que considera necessária para quem ocupa sua função. No entanto, ao comentar questões como o entupimento dos bueiros, atribui a responsabilidade exclusivamente aos moradores, afirmando que a situação ocorre porque a comunidade não sabe descartar corretamente o próprio lixo. Nessa perspectiva, problemas estruturais, como o manejo inadequado do lixo e do esgoto, passam a ser interpretados como consequência do comportamento individual dos moradores.

Essa lógica também aparece quando o líder afirma que “o pobre é acomodado”, sugerindo que a baixa adesão à escola noturna decorre da falta de interesse da própria população, sem considerar a necessidade de ações de conscientização sobre a importância da alfabetização ou as dificuldades sociais que podem limitar essa participação. Da mesma forma, ao mencionar a ausência de ambulância no posto de saúde, transfere ao próprio morador a responsabilidade pela resolução do problema. Esses exemplos evidenciam uma tendência à individualização de questões que, em grande medida, estão relacionadas a limitações estruturais e à insuficiência das políticas públicas.

A terceira perspectiva está relacionada a uma ideia de que o trabalho do líder comunitário, se faz de maneira individualizada, bem como a atuação dos moradores da comunidade na solução dos seus problemas. De acordo com os dados colhidos na entrevista foi possível perceber que na gestão desse líder comunitário a função de cobrar e fiscalizar a prefeitura sempre esteve remetida unicamente a pessoa do líder comunitário. Nesse sentido a partir do entendimento da psicologia social e comunitária uma função mais assertiva seria a de mobilizar a comunidade para tal fiscalização e cobrança, estimulando que o coletivo faça parte do projeto de mudança ao invés dela depender da ação exclusiva de um único indivíduo.

De acordo com Martin-Baró (1998) a pobreza se impõe na rotina dos povos latino-americanos na forma de situações de desigualdade social, principalmente em se tratando da disparidade de renda, formando assim uma minoria de ricos e uma esmagadora maioria de pobres. Esse contexto de desigualdade, é fruto de uma ideologia neoliberal que dá legitimidade ao modelo de produção em que estamos inseridos nos tempos atuais, que é o modelo capitalista, modelo esse que ideologicamente é introduzido na sociedade como uma necessidade para que exista o desenvolvimento econômico (Cidade; Junior; Ximenes, 2017).

Segundo Siqueira (2014) a perspectiva da pobreza como opção é fruto de uma ideologia neoliberal e está muito presente em livros de autoajuda, em que a opção do indivíduo, sua motivação e competências podem mudar sua condição de pobre. Nessa ideologia, a pobreza passa a ser concebida como algo controlável ou administrável, basta que a pessoa se esforce para que saia dessa situação, ou seja, a pobreza se torna opção e não situação. Dessa forma, se individualiza o problema e se reforça a lógica de subalternidade, em que indivíduos devem se submeter a qualquer situação laboral em troca de qualquer quantia. Essa perspectiva está

atrelada a culpabilização do indivíduo por sua própria pobreza.

Se faz importante ressaltar que essa pesquisa não visa à individualização da culpa na figura do líder comunitário, mas sim ratificar como a ideologia neoliberal consegue penetrar nas mais diferentes camadas da sociedade, além de reafirmar como tal ideologia influencia a maneira de pensar e agir do referido líder. Por ser perpassado por essa linha de pensamento, ele acaba impactando não apenas a comunidade como também a si próprio, uma vez que é parte integrante dessa comunidade, utilizando como exemplo, seu posicionamento na situação da ambulância, entendendo que ela não é relevante, acaba por impactar a vida de todos, inclusive a dele, que é membro da comunidade. Tal posicionamento, inclusive acaba por favorecer o poder público, que não sofre nenhuma pressão para solucionar o problema.

Seguindo o fluxo desses autores, se pode começar a compreender a origem do pensamento de culpabilização do indivíduo, ou culpabilização do pobre pela sua pobreza por parte do líder comunitário. Quando ele fala que “o pobre é acomodado” ou quando ele afirma que o problema de saneamento básico da comunidade é culpa dos próprios moradores se pode perceber claramente essa perspectiva de individualização do problema, perspectiva essa que reforça a lógica de subalternidade, além de reforçar a lógica de culpabilização do indivíduo.

Nesse sentido, o papel do psicólogo estaria atrelado à conscientização e à sensibilização tanto do líder comunitário quanto da comunidade, além de trabalhar na perspectiva de capacitação desse líder. O psicólogo ainda deve trazer a perspectiva de que em muitos momentos, ele também deve conscientizar o líder comunitário e a comunidade, do próprio papel que tem um psicólogo social e comunitário e como esse profissional pode impactar a comunidade.

Entende-se que a conscientização deve ser prática fundamental do psicólogo social comunitário. É preciso observar a conscientização como uma mudança das pessoas no processo de sua relação com o meio ambiente e, sobretudo, com os demais. Não existe saber verdadeiro que não seja essencialmente vinculado a um saber transformador sobre a realidade, mas não há saber transformador da realidade que não envolva uma mudança de relações entre os seres humanos, ou seja, a transformação se encontra na práxis. Martin-Baró também compreende que a conscientização não só possibilita, mas facilita o desencadeamento de mudanças, o

rompimento com os esquemas fatalistas que sustentam ideologicamente a alienação das maiorias populares (Martin-Baró, 1997).

A cultura ou o sistema simbólico é arbitrário e injusto uma vez que possuem uma visão de realidade como sendo algo natural e inevitável. O dominado não se opõe ao seu opressor, já que não percebe como vítima desse processo (BUCHVITZ e ANDRADE, 2013, p.45).

Na perspectiva de Freire (1979) a conscientização tende a humanizar a população, de modo que está passe a lutar por sua liberdade, enfrentando uma classe dominadora que, através da opressão, exploração e injustiça tenta manter-se no poder. O termo conscientização está diretamente atrelado a ideia de se apossar da realidade e seria um processo de libertação, processo de se tornar sujeito. É mediante reflexão sobre sua situação, sobre seu ambiente concreto que o homem se torna sujeito. Quanto mais refletir sobre a realidade, sobre sua situação concreta, mais plenamente ele tomará consciência e estará pronto e engajado a intervir e se apossar da sua realidade.

O processo de conscientização, se aplicado ao campo da psicologia, permite responder às situações de injustiça, diante de uma consciência crítica que desencadeia na situação de alienação social. Sabe-se, contudo, que apenas a conscientização não altera a realidade, mas pode facilitar o desencadeamento de mudanças, uma vez que permite mudar as relações sociais. (Martín-Baró, 1997). É interessante ter a percepção do papel da conscientização no trabalho comunitário, pois na perspectiva do líder comunitário, o morador da comunidade deveria por si só compreender a importância da escola noturna e da alfabetização, sendo que na realidade o processo de conscientização justamente iria auxiliar os moradores a entrarem em contato com a relevância e a importância da alfabetização.

O processo de conscientização está intimamente ligado a se apossar da sua própria realidade e seria um processo de libertação, de se tornar sujeito. É mediante reflexão sobre sua situação e sobre seu ambiente concreto que o homem se torna sujeito, pois quanto mais refletir sobre a realidade, sobre sua situação concreta, mais plenamente ele tomará consciência e estará pronto e engajado a intervir e se apossar da sua realidade. A ideia de conscientização viabiliza os meios para chegar à libertação, possibilitando que cada sujeito adquira a consciência de que é pela fraternidade que se rompe o grilhão da opressão. Compreendendo assim os papéis da

conscientização (Martín-Baró, 1997).

O conceito de mobilização social muitas vezes pode se confundir com simples atos de manifestações públicas, com a união de muitas pessoas em um evento ou meramente uma concentração muito grande de pessoas, mas na realidade o conceito de mobilização social pode ser evidenciado quando um grupo de pessoas, uma comunidade ou uma sociedade age com objetivo comum, buscando através da práxis uma intervenção no dia-a-dia e almejando resultados decididos e desejador por todos. Mobilizar é convocar desejos gerais para atuar na busca de um propósito comum, sob uma interpretação e sentido também compartilhados, ou seja, toda mobilização tem propósito demarcado (Werneck, 2004).

Na maior parte das comunidades latino-americanas, se apresenta um modo de vida cheio de contradições e solidariedade, além de, um potencial de luta e solidariedade capaz de construir um novo tipo de desenvolvimento, baseado na participação social, no diálogo-problematizador e na ação solidária. Fica claro como grande parte da construção comunitária se dá justamente pela participação social, pela mobilização social ou pela organização social (Góis, 2005).

O desenvolvimento comunitário parte de um processo que permite criar as condições para o progresso económico e social através da participação dos cidadãos na sua comunidade. Esta abordagem pressupõe que a mudança comunitária pode acontecer de maneira mais eficaz, através da participação generalizada dos indivíduos na definição e implementação dos objetivos de mudança. A criação de novos espaços de contato, tais como conselhos de cidadãos, associações de moradores ou grupos de ajuda mútua, tem por objetivo aumentar o grau de participação, responsabilidade e de conhecimento entre os participantes (Ornelas, 1997).

Outra perspectiva que é de extrema importância para o trabalho do psicólogo social e comunitário assim como é extremamente importante para o líder comunitário é a perspectiva de mobilização comunitária. Fica explícito em falas como "você não vê o pessoal daqui indo para rua fazer protesto", "eu que vou até a secretaria de prefeitura e peço", "fechar a estrada é contra lei", "sabendo que tem uma pessoa que cobra as coisas andam" que a forma com que Sérgio pratica seu trabalho de líder comunitário é uma forma extremamente individualizada. Ele não inclui a comunidade nas decisões, na distribuição de tarefas e lideranças nem na formulação de objetivos ou necessidades comuns a todos, muito menos existem espaços

comuns para que todos possam dar suas opiniões e debater sobre a comunidade. Sendo que na realidade, os autores percebem a mobilização social ou a participação social como parte fundamental da construção comunitária (Werneck, 2004; Góis, 2005; Ornelas, 1997).

Tendo essa perspectiva em mente é fundamental que o psicólogo esteja muito bem preparado teoricamente, para que ele possa fomentar essa mobilização tanto para a comunidade quanto para o líder comunitário.

Durante décadas, houve controvérsias sobre se o desenvolvimento comunitário deveria ocorrer por meio de uma ação de fora para dentro da comunidade, desconsiderando sua história, cultura e capacidade de organização, ou se a iniciativa, o controle e o sentido desse desenvolvimento deveriam partir da própria comunidade. Na prática, a iniciativa e a condução desse processo costumam ficar sob responsabilidade do governo ou de agentes externos, como organizações não governamentais (ONGs) e universidades, e não da própria comunidade.

O mais importante, entretanto, é que exista uma relação de integração e de troca entre os agentes externos e a comunidade, na qual sejam reconhecidos o papel e a importância de cada interlocutor na definição dos objetivos e das estratégias de desenvolvimento, respeitando a realidade sociocultural e ambiental do local. Assim, o sentido do desenvolvimento e o controle das ações devem pertencer à comunidade ou, pelo menos, ser definidos de forma compartilhada. Isso pressupõe um desenvolvimento participativo, autossustentável, voltado para a construção da autonomia local e da interdependência, em vez da dependência de agentes externos. Nesse contexto, cabe ao psicólogo social comunitário atuar como mediador entre a comunidade e os agentes externos (Góis, 2003).

É possível perceber uma relação complexa entre a comunidade, seu líder e o agente externo que no caso seria a prefeitura. Existe uma dissonância entre o papel ideal da prefeitura e o papel que ela de fato exerce, principalmente em se tratando da perspectiva do líder comunitário. Dessa forma, constata-se a efetiva relevância do papel do psicólogo social e comunitário como mediador entre as necessidades da comunidade e os agentes externos (Góis, 2003).

O trabalho do psicólogo social comunitário está atrelado a possibilitar a formação de lideranças comunitárias de forma que estas sejam fruto da expressão coletiva da comunidade. A forma de liderança individualista, é centrada na figura de um líder que detém a capacidade e

o poder de decisão sobre os rumos e ações da comunidade de formas individualizadas. Se faz relevante que o líder comunitário seja diferente dessa forma individualista, pois o líder deve surgir do grupo comunitário e ter um caráter participativo. A participação é condição fundamental para a formação de lideranças realmente representativas da comunidade, com apoio e confiança dela (Baima et al., 2012).

A capacitação e a formação de lideranças comunitárias se fazem relevantes justamente para evitar que os líderes comunitários deixem de cumprir um papel fortalecedor, uma vez que os líderes podem acabar deixando que os interesses dos agentes internos (comunidade) se tornem supérfluos e os seus próprios interesses individuais e de agentes externos se tornem o foco. Esta transformação do papel das lideranças comunitárias pode criar uma situação em que a participação dos moradores em atividades comunitárias planejadas pelos líderes praticamente deixe de existir, por isso, é extremamente relevante que o psicólogo social e comunitário esteja atento à capacitação do líder comunitário, no interesse de que esse líder seja transformador e fortalecedor (Baima et al., 2012).

Outro tópico que se faz muito importante tendo em vista essa entrevista é o tópico da capacitação de lideranças comunitárias. O trabalho do psicólogo social e comunitário também passa por essa perspectiva de auxiliar e capacitar o líder comunitário para que cada vez mais ele esteja em contado com os desejos e objetivos coletivos da própria comunidade, por isso, é muito importante que esse líder se conecte com os moradores, se mostrando o chamado líder representativo. O papel do psicólogo está vinculado a evitar que esse líder se torne um líder narcisista que prioriza a si e aos seus desejos individuais (Baima et al., 2012).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse estudo conceitos importantes figuraram, tais como: mobilização comunitária, culpabilização do pobre por sua pobreza, capacitação de lideranças comunitárias, mediação entre comunidade e agentes externos, conscientização, experiência e rotina de um líder comunitário. Observou-se que existem diversas formas práticas e teóricas que auxiliam o psicólogo a impactar a experiência do líder de maneira fortalecedora sendo extremamente relevante entender a realidade de cada líder comunitário e de cada comunidade.

O modelo de entrevista semiestruturada deu maior liberdade tanto para o entrevistador quanto para o entrevistado, fazendo com que fosse possível uma troca mais fluida entre as duas

partes. Sobre o objetivo, avaliar de que maneiras o apoio de um profissional da psicologia social e comunitária poderia aperfeiçoar a capacidade de atuação de um líder comunitário, é interessante perceber o baixo conhecimento do líder com relação ao trabalho do psicólogo social e comunitário uma vez que o líder atrelou o trabalho em psicologia diretamente a um trabalho clínico, não percebendo como um psicólogo social poderia impactar em seu trabalho.

A partir do que foi vivenciado na pesquisa de campo, compreende-se que um dos favorecimentos da psicologia social e comunitária se presente nessa comunidade, seria um trabalho de conscientização e sensibilização tanto do líder comunitário quanto da comunidade, além de, trabalhar na capacitação desse líder. Outro favorecimento do trabalho do psicólogo social e comunitário seria a sua ação de mobilização da comunidade, no sentido de estimular a manifestação dos desejos dos moradores da comunidade, bem como de ações realizadas pelos próprios moradores na busca de um propósito comum. Nesse sentido o psicólogo social e comunitário muito poderia contribuir, ao estimular as ações coletivas, ao invés, de ações individualizadas na perspectiva, de que coletivamente é possível se construir novos espaços de contato, como conselhos de cidadãos, associações de moradores e grupos de ajuda mútua.

Ao longo desse texto, se fez possível pensar em outros temas a serem pesquisados que de alguma maneira podem estar atrelados a essa pesquisa. É de extrema relevância que ocorram mais pesquisas em comunidades de alta vulnerabilidade no município de Campos dos Goytacazes, como uma pesquisa que quantifique as lideranças comunitárias nos maiores bairros da cidade, uma pesquisa que tenha como base a situação financeira das lideranças comunitárias em algum bairro específico da cidade, pesquisa sobre os assédios políticos sofridos por líderes comunitários, pesquisas que auxiliassem a identificar as necessidades das comunidades de alta vulnerabilidade da cidade, ou que pudessem trabalhar com comunidades quilombolas, até mesmo trabalhar com as cooperativas da cidade.

Este estudo destaca a riqueza e profundidade do trabalho do psicólogo social e comunitário e como esse profissional pode impactar na comunidade, mas principalmente impactar no fortalecimento da liderança comunitária. Existem pouquíssimos trabalhos científicos realizados na cidade de Campos dos Goytacazes voltados a esse público e a essas comunidades. Faz-se relevante ressaltar a importância desse trabalho, justamente por impactar uma população invisível e altamente vulnerabilizada.

6. REFERÊNCIAS

BAIMA, Larissa *et al.* Lideranças, agentes externos e fortalecimento em um bairro popular: um relato de experiência em Psicologia Comunitária. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*, Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2012.

BROWN, Wendy. *Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no Ocidente*. São Paulo: Politeia, 2019.

BUCHVITZ, Arthur; ANDRADE, Gloria. Violência simbólica no contexto comunitário: uma revisão bibliográfica a partir da psicanálise e da Psicologia Comunitária. *Perspectivas Online: Humanas & Sociais Aplicadas*, Campos dos Goytacazes, v. 3, n. 6, 2013. DOI: 10.25242/887636201358. Disponível em: https://www.perspectivasonline.com.br/humanas_sociais_e_aplicadas/article/view/58. Acesso em: 18 jul. 2024.

CARVALHO, Grasiela *et al.* Construindo intervenções na comunidade Tamarindo através da escuta qualificada e do diálogo com a alteridade. *Perspectivas Online: Humanas & Sociais Aplicadas*, Campos dos Goytacazes, v. 5, n. 14, 2015. DOI: 10.25242/88765142015835. Disponível em: https://www.perspectivasonline.com.br/humanas_sociais_e_aplicadas/article/view/835. Acesso em: 18 jul. 2024.

CIDADE, Elívia Camurça; FERREIRA JÚNIOR, José; XIMENES, Verônica Moraes. Implicações psicológicas da pobreza na vida do povo latino-americano. *Psicologia Argumento*, Curitiba, v. 30, n. 68, p. 87-98, 2012.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. *Quem faz a Psicologia brasileira*. Brasília, DF: CFP, 2022. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2022/12/Censo_psicologia_Vol1_WEB.pdf. Acesso em: 18 jul. 2024.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo, 2016.

FERREIRA, Rita de Cássia. *Psicologia social e comunitária: fundamentos, intervenções e transformações*. 1. ed. São Paulo: Érica, 2014.

FREIRE, Paulo. *Conscientização*. São Paulo: Cortez, 1979.

GÓIS, Cezar Wagner de Lima. *Psicologia comunitária: atividade e consciência*. Fortaleza: Instituto Paulo Freire de Estudos Psicossociais, 2005.

GÓIS, Cezar Wagner de Lima. *Psicologia comunitária no Ceará: uma caminhada*. Fortaleza, 2003.

LANSING, Amy E. *et al.* Building trust: leadership reflections on community empowerment and engagement in a large urban initiative. *BMC Public Health*, London, v. 23, art. 1252, 2023. DOI: 10.1186/s12889-023-15860-z.

MARTÍN-BARÓ, Ignacio. *Psicología de la liberación*. Madrid: Trotta, 1998.

MARTÍN-BARÓ, Ignacio. O papel do psicólogo. *Estudos de Psicologia (Natal)*, Natal, v. 2, n. 1, p. 7-27, 1997. DOI: 10.1590/S1413-294X1997000100002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X1997000100002>. Acesso em: 18 jul. 2024.

ORNELAS, José. Psicologia comunitária: origens, fundamentos e áreas de intervenção. *Análise Psicológica*, Lisboa, v. 15, n. 3, p. 375-388, 1997.

SIQUEIRA, Luana de Souza. A pobreza como "disfunção" social: a culpabilização e a criminalização do indivíduo. *Argumentum*, Vitória, v. 6, n. 1, p. 240-252, 2014. DOI: 10.18315/argumentum.v6i1.6032.

WERNECK, Nísia Maria Duarte; TORO, José Bernardo. *Mobilização social: um modo de construir a democracia e a participação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.